

O TURISMO CULTURAL-RELIGIOSO EM FOZ DO IGUAÇU: PATRIMÔNIO CULTURAL NA REGIÃO TRINACIONAL (ARGENTINA, BRASIL E PARAGUAI)

Marta Eriana Klaus Manfrin
Tarcísio Vanderlinde

Resumo: Este trabalho procura descrever o patrimônio cultural sobre o cenário do turismo religioso em Foz do Iguaçu, região da tríplice fronteira. Com a diversidade cultural nesse local, nota-se o desenvolvimento do turismo religioso, que contribui para o aumento de divisas para o município. Diante disso, observa-se que o patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial, demonstra as identidades de grupos nesse local, que são fluidas, mutáveis e variáveis, conforme o tempo e o lugar, propiciando ao público o conhecimento da memória, por meio do patrimônio cultural, que se efetua como uma tradição transmissível de comportamentos apreendidos em uma identidade coletiva e individual.

Palavras-chave: Patrimônio cultural, turismo, memória, identidade.

Cultural-religious tourism in Foz do Iguaçu: cultural heritage in the trinational region (Argentina, Brazil and Paraguay)

Abstract: The present essay aims to describe the cultural heritage concerning the religious tourism in Foz do Iguaçu, located on the triple border. Because of the cultural diversity, it is noticed the development of religious tourism which raises the income for the city. On this, it is perceived that the material and immaterial cultural heritage shows the local groups identities, which are fluid, mutable and variable, according to the time and place, providing to the public the knowledge of the memory of such groups through the cultural heritage as a transmissible tradition of behaviors from a collective and individual identity.

Keywords: Cultural heritage, tourism, memory, identity.

El turismo cultural-religioso en Foz do Iguaçu: patrimonio cultural en la triple frontera (Argentina, Brasil y Paraguay)

Resumen: Este trabajo busca describir el patrimonio cultural sobre el escenario del turismo religioso en Foz do Iguaçu, región de la triple frontera. Con la diversidad cultural del local, se nota el desarrollo del turismo religioso, que contribuye para el aumento de la recaudación para la ciudad. Frente a esto, se observa que el patrimonio cultural, tanto material como inmaterial, muestra las identidades de esos grupos del local, percibiéndolas fluidas, mutables y variables de acuerdo con el tiempo y lugar, propiciándole al público el conocimiento de la memoria a través del patrimonio cultural, que se efectúa como una tradición transmisible de comportamientos recogidos en una identidad colectiva e individual.

Palabras clave: Patrimonio cultural, turismo, memoria, identidad.

Introdução

Na região de tríplice fronteira em Foz do Iguaçu – Argentina, Brasil e Paraguai – percebe-se uma significativa diversidade cultural com características peculiares a cada cultura, pois a relação de crença com o local cultural e a subjetividade que se assume como uma representação cultural de investigação visual nessa região demonstra as diversas culturas representadas nesse espaço geográfico. Nessa perspectiva, há de se entender a importância de dialogar sobre lugares onde se desenvolve essa pluralidade e relacionar possíveis condicionamentos simbólicos decorrentes do processo de aculturação, de forma contínua, pois o espaço geográfico está em constante construção e é representado por diferentes culturas. Diante disso, percebe-se a identidade de alguns povos em meio às diferenças, que demonstram a insistência de conservar a memória de suas culturas. Além disso, Foz do Iguaçu, por ser uma cidade de fronteira com países como Paraguai e Argentina, apresenta um grande fluxo de pessoas, dentre elas, destacam-se os imigrantes que moram no município e que

procuram preservar a cultura que trouxeram. À vista disso, entende-se que o contato de pessoas de diferentes culturas entre si tem dado espaço à curiosidade e a observação da sua importância no contexto cultural daquilo que se acha interessante ou pertinente a individualidade de cada um, sem que deixe de existir a defesa da memória e da identidade do grupo em discussão. Talvez por essa razão, atraem-se leitores a dialogar sobre o tema, na observância da interação dos sujeitos entre os grupos culturais, da identidade defendida por seus integrantes e a percepção desse espaço pelos turistas ou integrantes de tal realidade cultural.

A diversidade cultural

Diante da realidade da diversidade cultural na sociedade, apreende-se que cada grupo procura demonstrar a importância de sua cultura; a prática e defesa de ideias, de vestimentas, de ritos, de arquitetura, entre outros, são alguns exemplos da mencionada demonstração. Nesse contexto, Roy Wagner, em “Invenção da Cultura”, explica que “uma vez que toda cultura pode ser entendida como uma manifestação específica ou um caso do fenômeno humano, [...] presumimos que cada cultura, como tal, é equivalente a qualquer outra” (WAGNER, 2010, p. 29). As culturas costumam se cruzar entre si, tanto no âmbito do turismo como em outras circunstâncias, como a visita para a procura de uma nova identidade cultural. Ainda segundo Wagner (2010, p. 28), “o total de capacidades de uma pessoa como cultura, o antropólogo usa sua própria cultura para estudar outras, e para estudar a cultura em geral”. Além do antropólogo, o pesquisador que vivencia em meio a um grupo cultural tende também a compreender a busca pelo diferente do seu grupo e de que maneira esse processo ocorre. Em vista disso, cada grupo procura diferenciar a sua cultura, através do modo de falar, das vestimentas, dos objetos pessoais, da arquitetura de casas ou templos, das festas, da alimentação, entre outros aspectos pertinentes à cultura daquele povo. Desse modo, Paul Ricoeur, em “A memória, a história, o esquecimento”, afirma que é “na escala de urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço. Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler” (RICOEUR, 2014, p. 159). Diante disso, as culturas também podem ser explanadas nas construções, pois “é preciso proceder do espaço construído da arquitetura à terra habitada da geografia”, permitindo a interação de povos, conforme afirma Ricoeur (2014, p. 160).

Clifford Geertz, em “Interpretação das culturas”, explica esse assunto afirmando que “o que devemos indagar é qual é sua importância: o que está sendo transmitido com sua ocorrência e através de sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho” (GEERTZ, 2014a, p. 8). Com esse cenário, a região de fronteira demonstra sua diversidade e, concomitantemente, a singularidade de cada cultura nela presente; cada indivíduo poderá defender o seu grupo ou não querer mais fazer parte do mesmo, querendo conhecer novas identidades ou, pelo contrário, defender com grande afinco a sua história, a sua identidade. Ainda de acordo com Geertz (2014b, p. 79), em “O saber local”, “os argumentos do senso comum, porém, não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. O mundo é a sua autoridade”; defronte a isso, não se deve negar que o real explanado é visto, em Foz do Iguaçu, de uma maneira explícita e dissemelhante, o empírico muito à vontade, onde as pessoas convivem entre si, no trabalho, na educação, no comércio,

nas ruas, cada grupo se relacionando com o outro no seu cotidiano, sendo assistido por muitos do local, de outros lugares do Brasil e do mundo.

Por outro lado, os visitantes de lugares culturais podem se identificar com alguma coisa, seja ela curiosidade, devoção, conhecimento, apreciação ou percepção ao valor atribuído ao local. Muitas vezes o despertar para o turismo religioso pode estar associado ao contato com outras culturas. Acredita-se que esse procedimento de visitação tem crescido no mundo, havendo a possibilidade de alguns lugares serem mais apreciados que outros.

O patrimônio cultural

Ao longo dos anos, as religiões se desenvolveram em diferentes espaços geográficos, sendo que em Foz do Iguaçu essa realidade apresenta-se como patrimônio cultural no fenômeno religioso. Dessa maneira, observa-se a presença de uma enorme diversidade étnica e cultural nesse lugar, resultando em um diversificado patrimônio cultural que permite uma análise em tudo aquilo que a humanidade faz enquanto cultura na tríplice fronteira. Nesse caso, a sociedade iguaçuense reflete o resultado da ação humana, da história e da identidade. Junto desse cenário percebe-se a memória essencializada nos símbolos, painéis, slogans, dentre outros. Consequentemente entende-se que haja uma percepção diferenciada da espacialidade de expressões e simbologias nessa região, tanto por moradores quanto por turistas, pois há, também, uma identidade coletiva na fronteira a ser explicada, como a identidade individual de cada grupo étnico e o seu patrimônio cultural, que é o resultado dos seus modos de vida, vivências e ofícios referentes a um grupo de pessoas, tanto no âmbito material como no imaterial. Porém, compreende-se que o patrimônio imaterial é fluído pelo contato.

Quanto ao entendimento de como é o olhar do turista em relação ao turismo cultural-religioso inserido no espaço regional da região trinacional (Argentina, Brasil e Paraguai), demonstra-se necessário o envolvimento com pesquisas sobre o assunto, pois é um dos setores que faz parte do desenvolvimento econômico de Foz do Iguaçu. Nesse ponto de vista, John Urry afirma que,

não existe um único olhar do turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença. Com isso quero dizer que não existe apenas uma experiência universal verdadeira para todos os turistas, em todas as épocas. Na verdade, o olhar do turista, em qualquer período histórico, é construído em relacionamento com seu oposto, com formas não-turísticas de experiência e de consciência social: o que faz com que um determinado olhar do turista depende daquilo com que ele contrasta; quais são as formas de experiência não-turística (URRY, 1996, p. 16).

O turismo religioso possui características peculiares, pois a relação das culturas com os eventos religiosos na cidade permite a observação dessa subjetividade como uma representação do turismo religioso neste espaço. O turismo pode ser visto, por muitos, como uma circulação, um deslocamento peculiar surgido no século XIX, embora suas raízes possam ser identificadas no século XVIII (BOYER, 2003). É importante salientar que ele não deve ser reduzido a um fenômeno isolado, mas sim analisado concomitantemente a outros aspectos sociais, como a viagem, sendo observado em suas múltiplas interfaces e entrecruzamentos com outros elementos do meio social, como a religiosidade (OMENA, 1989).

Silveira (2003) atesta que a expressão turismo religioso coloca em contato duas dimensões aparentemente opostas: a atitude de lazer, descompromissada; e a de fé, relacionada a ritos, valores e identidades; todavia, “na atual configuração do campo religioso no Brasil, não se pode tomar a religião como dotada de uma substância imutável, refratária a atitudes de lazer, divertimento” (SILVEIRA, 2007a, p. 36-37).

Diante disso, entende-se que as pessoas que participam do cenário turístico podem ser ou não praticantes de tal religião ou cultura, não ritualizando aquela atividade turística, porém conhecendo o diferente espaço cultural. Contudo, há aqueles que podem estar procurando o diferente. Essa diversidade espacial religiosa propicia-se a vivência ou a visitação nesses lugares, possibilitando a inter-relação com acontecimentos de possíveis condicionamentos simbólicos decorrentes do processo de aculturação. Nesse contexto, sobre a leitura dos espaços, Michel de Certeau, em “A invenção do Cotidiano”, explica que “o espaço é um lugar praticado [...] Desse modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito” (CERTEAU, 2014a, p. 184).

No campo cultural do município de Foz do Iguaçu é consentâneo pesquisar essa realidade, que narra a história desse local, de forma interdisciplinar. Nesse sentido, Herbe Xavier explica que,

outras disciplinas estão muito distantes e pouco têm incorporado da dimensão do turismo em seus objetivos. Diante disso, comprova-se a importância do turismo como área de estudo na construção de um corpo teórico e metodológico, situação básica para adquirir caráter de cientificidade. Sendo área de estudo multi, inter e transdisciplinar, o turismo recebe contribuições de outros ramos do saber para que possa desempenhar seu papel rumo ao campo da ciência, mas o desenvolvimento de projetos interdisciplinares é, ainda, pouco expressivo (XAVIER, 2007, p. 20).

Com essa realidade, verifica-se a construção de uma identidade de fronteira com significativa diversidade cultural. Cada povo, que possui sua própria identidade, arrisca-se em vê-la ser fluída no contato com outros povos. Sobre uma sociedade em que vivem vários grupos que se inter-relacionam, Woodward (2014) indaga: “Será que as identidades são fluidas e mutantes? Vê-las como fluidas e mutantes é compatível com a sustentação de um projeto político?”.

Sendo assim, no campo da ciência, percebe-se a expressão desse conhecimento que, a partir do empírico, procura entender o fenômeno e compartilhar essa compreensão com a sociedade brasileira e o público estrangeiro de forma contínua, justificando a realização de análise e de verificação desse processo de aculturação dos grupos ali existentes.

Todavia, há muitas interrogações sobre a pluralidade de grupos na região trinacional, pois o turismo na fronteira é um gerador de divisas e compreende-se uma relação do turismo cultural-religioso com outros pontos turísticos¹ da cidade nesse contexto cultural de fronteira, como as Cataratas do Iguaçu, a Usina Binacional de Itaipu, o Templo Budista, a Mesquita Omar IbnAl-Khatib, a Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), entre outros.

¹ A atividade turística em Foz do Iguaçu é composta de vários segmentos. Seus dois ícones, as Cataratas do Iguaçu, eleitas, em 2011, como uma das Novas 7 Maravilhas da Natureza, e a Hidrelétrica de Itaipu, encantam qualquer visitante. Além desses atrativos, outras opções compõem a oferta turística. São atrativos naturais, culturais, compras, atividades esportivas e variadas que fazem com o Destino Iguaçu seja destaque nacional e internacional. Disponível em: <<http://www.pmf.pr.gov.br/turismo/?idMenu=723>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

Na esteira dessas ideias, Emerson Sena da Silveira explica o surgimento do turismo religioso no âmbito da atividade turística em geral:

O pluralismo religioso intensifica-se a partir das décadas de 1980 e 1990. São as décadas em que a modernização industrial e a urbanização explodem no país. Também é a década de construção de um 'mercado turístico nacional'. O governo brasileiro por meio da Embratur investe em programas de incentivo ao turismo e empresta dinheiro para a construção de extensas redes hoteleiras; as agências de viagem espalham-se. Mas qual aproximação entre o deslocamento 'turístico' e o 'religioso'? O turismo também está baseado no deslocar-se. Dean MacCannel (apud Steil, 1998) enfoca o comportamento turístico como uma continuação das peregrinações tradicionais, sendo o turismo um sucessor da religião (SILVEIRA, 2007b, p. 96).

Com o desenvolvimento cultural, social e econômico do local, o turismo religioso permite a circulação de pessoas de diferentes culturas, de modo que acontece uma inter-relação entre os indivíduos, porém o integrante de tal cultura, quando realiza a sua atividade religiosa, também continua com a peregrinação ou contemplação no lugar visitado, enquanto outros turistas poderão realizar a constatação do diferente, através da visita, vendo o cotidiano e atitudes da diferente cultura, com oportunidade de comercialização de produtos no contexto cultural-religioso, com significados diversos. Nesse cenário surgem questionamentos como: O turismo religioso tem crescido nas últimas décadas na fronteira? As pessoas frequentam lugares turísticos religiosos diferentes de sua cultura? Se sim, por que o fazem? Portanto, cada espaço religioso merece ser analisado e estudado nas diferentes religiões ou espaços culturais, recebendo um olhar crítico que o torne alvo de uma análise realizada a partir dos aspectos expostos em bases teóricas, pois a multiplicidade de espaços e de religiões implica no desenvolvimento sistemático de investigação, uma vez que há necessidade de um planejamento no espaço turístico. Segundo Boullón:

O espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo. Este elemento do patrimônio turístico, mais empreendimento e a infra-estrutura turísticas, são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país. Visto que o espaço turístico é entrecortado, não se pode recorrer a técnicas de regionalização para proceder a sua delimitação porque de acordo com elas, seria preciso abranger toda a superfície do país ou da região em estudo, e caso isso fosse feito, grandes superfícies que não são turísticas figurariam como turísticas, cometendo-se um erro. Isso significa que regiões turísticas não existem. É precisamente para substituir a ideia de região turística que desenvolvemos a ideia de espaço turístico (BOULLÓN, 2002, p. 79).

Ainda de acordo com Boullón (2002, p. 80), "a melhor forma de determinarmos um espaço turístico é recorrermos ao método empírico, por meio do qual podemos observar a distribuição territorial dos atrativos turísticos e do empreendimento". Com isso, observarmos os agrupamentos aonde a nossa vista alcança. Acerca desse assunto, Jack Goody, em "O roubo da história", menciona que "desse modo, a religião 'mapeia' o mundo para nós em parte de forma arbitrária, mas esse mapeamento adquire significados poderosos relativos a identidades, durante o processo" (GOODY, 2015, p. 30) e compreende-se que mesmo que a motivação religiosa inicial desapareça, permanece a material.

Também se procura distinguir nas diferentes culturas o que são crenças científicas para o homem em relação ao espaço vivenciado e o que são crenças religiosas, e se há influência na crença religiosa ou científica, pois Pablo González Casanova explica que,

no curso de sua evolução, ciências e crenças vivem mais ou menos juntas. A superioridade das ciências do Ocidente no conhecimento e transformação do mundo não pode ser entendida sem as crenças dos gregos do século VI a. C. ou sem as crenças judaico-cristãs. A contribuição da Grécia apareceu em sua profana mitologia de deuses e de heróis, mas, sobretudo, nesse desprendimento que deu à filosofia uma vida autônoma. De seus primeiros filósofos surgiram explicações antológicas que vinham do Egito. Não atribuíam aos deuses, ou a Deus, a origem do mundo, mas sim ao fogo, à água e, em geral, aos elementos naturais. Do sol dos egípcios e da razão dos gregos nasceu a civilização ocidental. Ou parte dela. As explicações sobre 'as origens do mundo' inseriram-se no 'amor à verdade', na 'filosofia' que propôs distinguir e superar 'as opiniões' mediante 'a dúvida', mediante 'a argumentação' e 'o diálogo'. Na 'filosofia' começaram todos os paradigmas da ciência ocidental com suas próprias crenças e métodos de pensar e fazer. Na Grécia não só surgiram outras crenças religiosas, mas também outras crenças científicas (CASANOVA, 2006, p. 252).

O autor ainda explica que as ciências e crenças andam mais ou menos juntas e que “na Grécia não só surgiram outras crenças religiosas, mas também outras crenças científicas” (CASANOVA, 2006, p. 252). Isto posto, é possível perceber na sociedade iguaçuense a existência de crenças religiosas e científicas onde as pessoas convivem com as diferenças, construindo, com isso, a diversidade cultural da cidade. Como exemplo da crença científica em Foz do Iguaçu podemos citar o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), que além de patrimônio cultural, pode ser observado também como um grupo de identidade cultural na fronteira. Porém, Mircea Eliade assevera que “a religião é uma ciência muito recente (data do século XIX)” (ELIADE, 2010, p. 1), logo, nesse aspecto, enfatiza-se a religião também como ciência, mas podendo ser comparada a um dogma, enquanto fé, e ideias científicas relacionadas ao ateísmo, porém com identidade de rituais, como a forma da estrutura de cadeiras no recinto (círculo), a cor da roupa (branca), dentre outros fatores. No entanto, mesmo tendo uma percepção leiga, este estudo também procura entender o que essas crenças religiosas e/ou crenças científicas têm de significado para o ser humano em relação ao espaço vivenciado no contexto da diversidade cultural, e se elas exercem alguma influência nas diferentes crenças dos cidadãos que fazem parte de uma sociedade na qual o pluralismo se destaca.

Quanto à palavra sociedade, Norbert Elias explica:

Todos sabem o que se pretende dizer quando se usa a palavra 'sociedade', ou pelo menos todos pensam saber. A palavra é passada de uma pessoa para outra como uma moeda cujo valor fosse conhecido e cujo conteúdo já não precisasse ser testado. Quando uma pessoa diz 'sociedade' e outra a escuta, elas se entendem sem dificuldade. Mas será que realmente nos entendemos? A sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha; a sociedade composta por muitas pessoas individuais na Europa do XII era diferente da encontrada nos séculos XVI ou XX. E, embora todas essas sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de vida em comum para outra não foi planejada por nenhum desses indivíduos (ELIAS, 1994, p. 13).

Entende-se que a sociedade é singular de um povo para outro, de um país para outro, conforme a época nesse espaço geográfico, onde se analisa aquela sociedade com suas particularidades de

crença², costumes, língua, alimentação, vestuário, entre outros assuntos relacionados àquele povo. Todavia, é necessário compreender como esses indivíduos se inter-relacionam nessa sociedade, e embora esses sujeitos participantes dessa mesma sociedade, se diferenciam no todo em suas especificidades.

Também Norbert Elias problematiza, em “A sociedade dos indivíduos”, “qual a relação entre a pluralidade de pessoas e a pessoa singular a que chamamos de ‘indivíduo’, e da pessoa singular com a pluralidade” (ELIAS, 1994, p. 7). Conforme o autor explica, a liberdade religiosa é garantida a todos os cidadãos em sua extensão territorial, porém quer dizer que todos do grupo de determinada cultura correspondam com a identidade original da cultura, pois o singular está inserido no coletivo, com suas peculiaridades e individualidades, haja vista que na nação brasileira há diferentes crenças, com a liberdade para o exercício das mesmas, como garantido no artigo quinto da na Constituição Brasileira. Nesse âmbito, Clifford Geertz explica, em “A interpretação das culturas”, que,

para um antropólogo, a importância da religião está na capacidade de servir, tanto para um indivíduo como para um grupo, de um lado como fonte de concepções gerais, embora diferentes, do mundo, de si próprio e das relações entre elas – seu modelo de atitude. A partir dessas funções culturais fluem, por sua vez, as funções social e psicológica (GEERTZ, 2014a, p. 90).

Entende-se que há importância na contribuição social nas diferentes culturas da sociedade e que cada uma permite a observação dessa dinâmica de inter-relação dos indivíduos, afinal, a cultura no plural também pode valorizar as minorias; portanto, é necessário saber quando e como apolítica de um país interfere ou não no desenvolvimento de cada cultura, quanto à liberdade do seu exercício, vivenciando o contexto da diversidade cultural. Em vista disso, Michel de Certeau afirma que,

isso quer dizer que a reivindicação cultural não é um fenômeno simples. O Caminho tomado e seguido normalmente por um movimento que resgata sua autonomia é exumar, sob a manifestação cultural que corresponde a um primeiro momento de tomada de consciência, as implicações políticas e sociais que aí se acham envolvidas. Isso não significa, no entanto, eliminar a referência cultural, pois a capacidade de simbolizar uma autonomia no nível cultural permanece necessária para que surja uma força política própria. Porém é uma força política que vai conferir à declaração cultural o poder de realmente se afirmar (CERTEAU, 2014b, p. 148-149).

Com o cenário cultural em Foz do Iguaçu, se torna pertinente o interesse em pesquisar essa temática, visto que a atividade do turismo nessa sociedade abre espaço para a compreensão da importância do assunto no âmbito da pluralidade cultural. Percebe-se que no decorrer dos anos se acrescenta contingentes pertencentes a determinadas culturas e que elas procuram manter suas peculiaridades. A respeito da vida cultural, observamos o que Roy Wagner assegura:

Se queremos entender as origens do homem e sua existência fenomênica, precisamos examinar sua criatividade tal como se manifesta em todos os pontos de sua vida cultural corrente, e não apenas em retrospecto. É certo que muitas das inovações de ontem se tornam parte da ‘cultura’ transmitida de amanhã, quer isso

² VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias; VII – é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva (BRASIL, 1988).

envolva a assimilação delas aos papéis sociais supostamente 'inatos' das sociedades tribais e camponesas ou as Culturas conscientemente fabricadas das civilizações urbanas. E, todavia, por mais que reconheçamos esse fato, é duplamente importante que tenhamos em mente que ao serem assimilados a uma tradição permanentemente esses elementos se tornam a base para inovações posteriores. Seus efeitos comportamentais, demográficos, ecológicos e sociais estão eles próprios inextricavelmente ligados ao constante exercício da criatividade, da inovação contínua, em que consiste a cultura; sua 'transmissão' e 'recepção' são elas próprias em grande medida uma espécie de 'indução' inventiva. Uma grande invenção é 'reinventada' diversas vezes e em diversas circunstâncias na medida em que é ensinada, aprendida, usada e aperfeiçoada, frequentemente em combinação com outras invenções (WAGNER, 2010, p. 208).

Nesse aspecto, procura-se compreender, também, a convivência de pessoas em diferentes culturas, como acontece essa inter-relação, pois há o aumento e a diminuição do número de fiéis de algumas religiões ou culturas, conforme relata o censo demográfico em 2010³, o qual traz informações que demonstram o crescimento de algumas religiões se comparadas aos censos anteriores.

Memória e identidade

No cotidiano de um povo, sua memória é sempre social e, conseqüentemente transmitida; conquanto, ainda assim ela não perde sua individualidade. Contextualizando esse pensamento, Jacques Le Goff, em "História e memória", respalda que "a memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que rende a instalar-se entre elas" (LE GOFF, 2013, p. 432). Nesse contexto, a memória coletiva tem apresentado as suas características em vários aspectos, seja nos costumes ou na parte apreendida pelo contato com outras culturas ou povos, não permanecendo na originalidade de onde e quando iniciou.

Ademais, Joel Candau reitera que "a memória coletiva, como a identidade da qual ela é o combustível, não existe se não diferencialmente, em uma relação sempre mutável mantida com o outro" (CANDAU, 2016, p. 50). Portanto, o entendimento é que a memória seja transmitida e que, conseqüentemente, produza identidade. A memória pode também se vincular à ideia de patrimonialização e identidade essencializada, a exemplo disso temos a identidade árabe, muçulmana, cristã, budista, entre outras.

Estas identidades são quase sempre acompanhadas de construções simbólicas que legitimam ou conscientizam similarmente os visitantes desses locais, tanto como identidade de cultura ou como somente a turistas ou, ainda, ambas as áreas. Com essa realidade para se desenvolver também pesquisas de história oral, Michael Pollak explica que essas pesquisas "utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas" (POLLAK, 1992, p. 8). A partir dessa realidade, a interpretação do material, se não for analisado com veracidade, poderá ser um problema. No entanto, com o passar do tempo, toda percepção individual ou coletiva poderá ter mudanças. Nesse sentido, Jacques Le Goff explica, no ponto de vista de passado e presente, que, "de fato, a realidade da percepção e divisão do tempo em função de um antes e um depois não se limita, em nível individual

³ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?tema=censodemog2010_relig>. Acesso em: 19 maio 2019.

ou coletivo, à oposição presente/passado: devemos acrescentar-lhe uma terceira dimensão, o futuro” (LE GOFF, 2013, p. 195).

Compreender a realidade da percepção no tempo retratado na sociedade, como no lugar, permite o entendimento dessa dimensão histórica de povo, pois o conhecimento desses acontecimentos pode contribuir para o entendimento acerca da mudança na construção de culturas, posto que quando elas são fluídas pelo contato com outras culturas, através do turismo ou da aproximação entre elas, os indivíduos podem migrar para outro grupo cultural. Diante desse parâmetro, há uma homogeneização de culturas? Ou mesmo sendo fluídas, continuam heterogêneas? Também, desta forma, cabe lembrar as ações da mercantilização de materiais simbólicos no turismo religioso, onde é permitido que o turista leve uma lembrança desse patrimônio. Entretanto, não se pode esquecer que devido ao contato de culturas, também se nota a possível “hibridização de povos”. Sobre isso, Thomas Tadeu da Silva explica que “os processos de hibridização analisados pela teoria cultural contemporânea nascem de relações conflituosas entre diferentes grupos nacionais, raciais ou étnicos” (SILVA, 2014, p. 87). Também se pode relacionar a esse fenômeno as migrações, bem como “as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens e os cruzamentos de fronteiras” (SILVA, 2014, p. 87). Sendo assim, compreende-se que as migrações de povos nas regiões de fronteiras corroboram para a construção de uma nova realidade para eles.

Considerações finais

Relacionando todos esses assuntos sobre memória, identidade, turismo e patrimônio, percebe-se que essas realidades convivem entre si e que todas essas áreas dizem respeito a diversas culturas, demonstrando a diversidade cultural na fronteira, uma vez que as culturas confirmam a história em uma sociedade multicultural, permitindo aos turistas e moradores uma análise minuciosa, abrangente ou complexa desse patrimônio cultural em Foz do Iguaçu.

Por conseguinte, o pesquisador tem um papel importante na sociedade em narrar e problematizar os eventos históricos, haja vista a existência de uma diversidade étnica. Ao cumprir seu papel, o pesquisador permite que, mesmo com o passar dos anos, esses acontecimentos deixem rastros na história. Nesse contexto, em “O fio e os rastros”, Carlo Ginzburg explica que “devemos aprender a desembaraçar os fios multicores que constituíam o emaranhado desses diálogos” (GINZBURG, 2007, p. 287). Diante disso, leitores, pesquisadores do assunto, entre outros, são convidados a desembaraçar os fios multicores em um mundo que vivencia a diversidade cultural e desafiados a estabelecer um diálogo com esse cenário, de uma maneira ética e harmoniosa. Dessa forma, percebe-se cada vez mais o interesse pelo diferente, onde o visitante, apesar de estar inserido, permanentemente ou momentaneamente, em uma cultura diferente da sua, procura conhecer diversos espaços e culturas, sempre aprendendo algo sobre aquele lugar.

Referências

- BOULLÓN, Roberto. *Planejamento do espaço turístico*. 3 ed. São Paulo: Edusc, 2002.
- BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CASANOVA, Pablo Gonzalez. *As novas ciências e as humanidades: da academia à política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014a.
- _____. *A cultura do plural*. São Paulo: Papyrus, 2014b.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a ausência das religiões*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2014a.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 14 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2014b.
- GOODY, Jack. *O roubo da história*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- OMENA, Tânia Guimarães. A procura do equilíbrio do mercado turístico. *Boletim Técnico Senac*, v. 15, n. 29, p. 29-39, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-202, 1992.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 73-102.
- SILVEIRA, Emerson Sena da. Turismo e consumo: a religião como lazer em Aparecida. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papyrus, 2003, p. 69-106.
- SILVEIRA, Emerson Sena da. Turismo religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. *Revista Turismo Em Análise*, v. 18, n. 1, p. 33-51, 2007a.
- _____. *Por uma Sociologia do Turismo*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007b.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- XAVIER, Herbe. *A percepção geográfica do Turismo*. São Paulo: Alleph, 2007.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 7-72.

Recebido em: set. 2018.

Aceito em: abr. 2019.

Marta Eriana Klaus Manfrin: Mestre em Sociedade, Cultura e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Oeste Paranaense (Unioeste). Atua como professora de Geografia na rede pública do Estado do Paraná. E-mail: martaeriana@gmail.com

Tarcísio Vanderlinde: Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente nos Programas de Pós-Graduação em Geografia: Espaço de Fronteira e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste Paranaense (Unioeste). E-mail: tarcisiovanderlinde@gmail.com